

Qualidade no Ensino



Horácio Almendra (horacio.almendra@iqe.org.br)

Colaboração: Maria Helena Braga, Maria Sidalina Gouveia, Cristina Luiza Garbuio, Maria Teresinha Figueiredo e José Gayoso.

Alfabetização financeira e sustentabilidade na sala de aula

Cristina Luiza Garbuio

Supervisora Pedagógica de Matemática do IQE – Instituto Qualidade no Ensino (www.iqe.org.br)

Não importa em que país você viva, se estuda, se trabalha, se é jovem, se é idoso, com ou sem filhos, grande parte das decisões que precisa tomar diariamente afetará, de uma forma ou de outra, sua situação financeira. Analisar se uma decisão que envolve dinheiro é a melhor possível frente à realidade econômica do momento não é tarefa simples para ninguém e pode ser o diferencial entre ganhar ou perder a quantia que seria suficiente para a compra de um litro de leite, para o pagamento da conta mensal de energia, do aluguel de um imóvel, da aquisição de equipamentos de ponta para a empresa. O que cada um faz com o seu dinheiro afeta não somente ao próprio indivíduo, mas a todos de uma cadeia de relações de ordem familiar, social, comercial, bancária, política.

A essas questões, podemos acrescentar o fato de vivermos em uma sociedade consumista, em que a compra de produtos supérfluos e os gastos com itens ditados pela moda do dia estouram orçamentos em todos os cantos do planeta. O celular de última geração, comprado hoje, será considerado ultrapassado amanhã. Preocupadas com essa realidade, organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) têm desenvolvido projetos de combate ao analfabetismo financeiro junto aos seus países-membros.

Vale lembrar que o Brasil é membro do FMI e do Banco Mundial e, embora não seja membro da OCDE, participa de diversos

programas desenvolvidos pela Organização, entre eles o PISA (Programme for International Student Assessment; em português, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), voltado para a área de educação.

As escolas que levam a Educação Financeira para a sala de aula sabem da urgência na formação de um indivíduo consciente das consequências que advêm de escolhas – certas ou erradas – de ordem econômica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já apresenta diretrizes importantes para um trabalho de inserção desse tema no currículo de Matemática, orientando que o trabalho favoreça tanto a integração entre os eixos dessa disciplina como a relação com outras disciplinas.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, situações de compra e venda, troca, feirinha e mercado, sempre presentes na sala de aula, contribuem para o desenvolvimento de habilidades de comparação e operações no conjunto dos números naturais, bem como de reconhecimento das cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro. Hoje, sabemos que esse trabalho não é suficiente. Uma ampliação dessa proposta, voltada para a Educação Financeira, avança para a comparação de preços entre marcas diferentes de um mesmo produto, a análise de produtos de primeira necessidade assim como aqueles dos quais uma família não necessita adquirir naquele momento. A partir da ampliação do conjunto dos números naturais para os racionais e da introdução de unidades de medida de massa e de capacidade, é possível levar a Educação Financeira a novos desafios. O que é mais vantajoso na compra de determinada marca de pó de café: a embalagem de 250 gramas por R\$ 4,90 ou a de meio quilo por R\$ 8,50? Na escola tradicional, a embalagem de meio quilo seria a resposta "correta". Entretanto, diversas variáveis devem ser consideradas em casos como esse: a embalagem de meio quilo, equivalente a duas de 250 gramas, é mais barata, mas essa compra só é vantajosa se o produto for consumido até a data de validade; caso contrário, será descartada, causando prejuízo ao

comprador. Essa análise também pode ser feita nas ofertas em que o preço do produto fica bastante reduzido se o consumidor adquirir três ou mais unidades.

Habilidades relativas a intervalos e unidades de medida de tempo podem ganhar novo sentido quando integrados à data de validade de produtos. Se não for consumido logo, um produto em oferta, mesmo que num primeiro momento pareça irrecusável, não deve ser comprado se a data de vencimento estiver muito próxima. Os números racionais nas formas decimal, fracionária e percentual são importantes na Educação Financeira no que se refere aos cálculos de porcentagem. Nesse sentido, a escola tradicional oferecia atividades desprovidas de uma análise do significado de termos como desconto, acréscimo, multa, juros, formas de pagamento, lucro, prejuízo, considerados elementos fundamentais para uma alfabetização financeira. Atualmente, as mídias analisam diariamente a situação econômica em termos de taxas bancárias, índices de inflação, de desemprego, oscilações na bolsa de valores e no câmbio. Comportamentos da indústria, do comércio, do setor de serviços, da produção agrícola, podem dar origem a sequências didáticas que contemplem tanto conceitos matemáticos, análise e produção de tabelas e gráficos quanto elementos de outras disciplinas, como História, Geografia e Ciências. O cálculo do volume e da área total da superfície dos sólidos pode ser ampliado não somente para se determinar o material necessário para a fabricação de uma embalagem, mas também para se avaliar o acondicionamento do produto, o tamanho e o formato da embalagem, o desperdício de material, se o próprio material da embalagem pode ser reciclado, se as informações apresentadas na embalagem estão de acordo com a legislação vigente. As escolas e as redes de ensino devem considerar que os aspectos apontados neste artigo demandam contribuição de toda a equipe escolar. Imprescindível, frente a essa demanda, a formação continuada dos docentes em apoio à elaboração de um currículo de Educação Financeira de excelência.